7

ANO XIV — SABADO, 27 DE FEVEREIRO DE 1915 — NUMERO 265

A Lanterna

ANTI-CLERICAL E DE COMBATE

PUBLICA-SE AOS SABADOS
Redacção e administração: Largo da Sé n. 5 (Sob.)
Numero avulso: Da semana, $100; atrasado, $200
A inserção de anuncios na 4.ª pagina é feita mediante preços convencicnados

ENDEREÇO PARA A CORRESPONDENCIA:
CAIXA POSTAL N. 195 — S. PAULO (BRASIL)
ENDEREÇO TELEGRAFICO: LANTERNA

PREÇO DE ASSINATURA:
Ano, para todo o Brasil. 10$000 | Semestre, idem . . . . . 6$000
Para o estrangeiro, ano . . . . 15$000
O pagamento deve ser feito sempre adiantadamente

PAGINAS DE ACTUALIDADE

A Igreja e o Proletariado

De vez em quando os diarios clericais asseveram que os catolicos teem sido e são os propulsores das reformas favoraveis ao proletariado. Escrevem-no com r de seriedade, sem ironia, demonstrando spartana coragem, porque é preciso coragem para fazer semelhante afirmação, sabendo todo mundo que o sacerdocio, oficiando nas capelas dos despotas e dos ricos, sempre recomendou resignação aos tiranizados e aos pobres. Ninguem ignora que a Santa Madre Igreja não só permaneceu insensivel ás lutas em prol dos oprimidos, mas que tambem manteve a escravidão, só tendo esta desaparecido mercê dos esforços dos liberais, dos hereticos, dos condenados...

A historia da submissão dos povos é a historia do predominio religioso. Os reis de direito divino e os senhores feudais, donos das vidas e das fazendas, tiveram a seu lado a Igreja e o clero. Assim Frederico Engels recordou que o grande centro internacional do feudalismo foi a Igreja Catolica-Romana; acrescentando o fiel e sabio companheiro de Carlos Marx que, paraque o feudalismo podesse ter sido esmagado, foi indispensavel a destruição daquele nucleo central.

Na Idade Media, entre os senhores de baraço e cutelo figuravam arcebispos, bispos e abades. Nunca nos concilios, se interessaram pelos produtores; e, ao contrario, entoavam-se lôas aos potentados da terra. Agora, a Igreja Romana, como as outras igrejas, constituiu-se em baluarte do passado, dificultando as vitorias do presente. Em Buenos Aires, observou-se — e *La Vanguardia* fê-lo resaltar — que os israelistas, naturalizados por «um de seus mais populares caudilhos», o comendador Naón, se tornaram em eleitores dos deputados catolicos-portenhos que consagraram a Figueiroa Alcorta e que só eram enfrentados pelos deputados socialistas. Falando da «entente judaico-catolica» e de todas as «ententes religiosas» escrevia então o aludido diario: «Já Marx afirmava que a alta Igreja de Inglaterra perdoa mais facilmente o ataque a 38 de seus 39 artigos de fé que a 1/38 de seus rendimentos».

Nos modernos tempos, a Igreja principiou atacando o movimento emancipador. Quiz logo aproveitar-se dele e ainda hoje o deseja, ao contemplar o espetaculo imponente das federações proletarias e ao notar que os partidos politicos incluem em seus programas muitas aspirações das classes trabalhadoras. Daí a formação de circulos, de caixas mais ou menos usurarias — denominadas de mil modos — e daí que os orgãos do clericalismo se atrevam a fazer afirmações inexactas com o desenfado que carateriza ao prégador que do pulpito narra qualquer milagre inverosimel e, afim de seus ouvintes o acreditem, exclama com voz trovejante: «Eu o vi, meus amados irmãos!»

Mas a humanidade recebe a evolução clerical a titulo de inventario. Reconhece nela a mudança de tatica da Igreja, que intenta adaptar se ao meio quanto lhe é possivel para fazer desvanecer a recordação de seus largos seculos de dominio, de crueldade, de avarezas, de guerras e de estabelecimento de categorias com titulos e privilegios. Tem ante os seus olhos os pontifices e sacerdotes que trocaram a pobreza em opulencia e a castidade — no dizer das proprias autoridades eclesiasticas — em fonte fecunde de impurezas.

Foi Leão XIII, o primeiro dos papas que proclamou que se por socialismo se entendem as tentativas feitas para melhorar dum modo progressivo, prudente e racionar a situação das classes desgraçadas; se se aplica essa palavra a todos os esforços realizados para obter mais justiça social no governo dos homens, não se pode procurar um mais nobre fim. Foi Leão XIII o primeiro dos papas que sustentou que tratar a questão social com a consciencia das graves responsabilidades que pesam sobre todos os que teem riqueza e autoridade é continuar a obra do «Divino Mestre».

Mas as declarações de Leão XIII, que se pretendeu falsamente passasem por uma iniciativa de «sua santidade» não eram no fundo outra coisa, segundo a frase de Alfredo Calderón, senão uma chamada a prevenir os excessos comprometedores de um zelo ultramontano pouco discreto. Alem disso, é sabido que a inciclica do citado papa, sobre a questão social, poderia ser subscrita — a meias — por Bastiat e Lassalle.

Perdem, pois, lamentavelmente seus editoriais — os diarios eclesiasticos — ao asseverar que os catolicos teem sido os propulsores do movimento beneficioso para a classe proletaria. Eles, na verdade, limitaram-se a prégar aos pobres a paciencia e aos ricos a caridade; e os pobres cansaram-se de ser pacientes, escreve Calderón, antes de que os ricos se tenham decidido a ser caritativos. De maneira que, agora, ainda que certas arengas chegassem a enternecer o coração dos opulentos misticos, nunca os deserdados se resignariam a receber mais ou menos esmolas, quando o que reclamam é: justiça.

Buenos Aires, 1915.

Adolfo Vázquez-Gómez.

BIBLIA VERMELHA

«Não pode haver outro mundo senão a Terra. Se outro pudesse existir, seria absolutamente necessario admitir outros ainda até ao infinito, o que parece contrario á verdade e á revelação.»

S. TOMAZ D'AQUINO.

Santo Agostinho declara formalmente incompativel com as bases da fé a crença na existencia dos antipodas. O mesmo pensam os principais de entre os padres gregos e latinos Repudiavam todo o progresso da astronomia e da geografia operado a partir do setimo seculo antes de Jesus Cristo, para retomar a tradição hebraica e homerica da Terra chata e rodeada pelo Oceano. Fez-se da Terra um paralelogramo por cima do qual se elevava o ceu como uma tenda.

Henrique Martin.

As teologias, como qualquer outro edificio, não podem ser construidas sobre o vacuo; tomaram por base o antigo sistema do mundo, que supunha a Terra imovel no centro. A astronomia moderna, mostrando a vaidade da ilusão antiga, mostra ao mesmo tempo a vaidade das teologias sobre ela baseadas.

Camilo Flamarion.

DA PORTA DE EUROPA

UMA LIÇÃO SEVERA

Os acontecimentos políticos dos últimos oito dias, em Portugal, são férteis em ensinamentos.

Subira poucas semana antes ao poder um ministério «afonsista», o qual, mais pelos seus antecedentes do que pelos seus actos, tinha logo recolhido a antipatia e a hostilidade da maior parte do público e dos partidos adversos. «Novo reinado da *formiga branca* e das bombas!» — dizia-se por todos os cantos.

Demais, para os partidos havia um sério motivo de oposição. Não admitindo a Constituição o direito presidencial de dissolver o parlamento, o partido que *faça* as eleições tem o poder garantido para sempre, cedendo-o de vez em quando a um compadre, para o retomar mais tarde, quando acalmada a opinião... Aos partidos contrários resta apenas o recurso da rua, da agitação popular, da insurreição ou ameaça da insurreição, o que oferece os seus inconvenientes e perigos, sobretudo para partidos de «ordem» e de govêrno. E como os políticos sabem melhor do que ninguem (cada um no seu ofício) o que vale a ficção eleitoral e parlamentar, o que significa «fiscalizar o acto eleitoral», «presidir às eleições», «dirigir a consulta ao país», possue razões de sobra para desconfiar uns dos outros.

Foi, pois, contra o ministério um combate sem tréguas, em que se distinguiu Brito Camacho, com a sua «União Republicana». O partido afonsista não realizaria as eleições, asseverava Brito Camacho; como não enviaria a expedição militar ao teatro da guerra europeia, apesar da pressa que dizia ter e da sua áspera condenação dos vagares do ministério anterior. Porque, continuava o chefe unionista, os afonsistas bem sabiam que as finanças portuguesas não permitiriam a participação activa e directa na guerra europeia, nem a Inglaterra a pedira: o que êles desejavam apenas era a *preparação* para a guerra, com as relativas negociatas.

E eis que surge a questão militar. Os afonsistas proclamam a necessidade de tomai medidas contra os oficiais suspeitos, graças a uma «certeza moral», de desafeição pela República. É transferido um oficial e depois mais dois, que cumpunham uma comissão de protesto. A oficialidade dos regimentos de Lisboa faz então uma reclamação colectiva contra o que ela considera intervenção da *formiga branca* na vida do exército. O ministro não lhe dá ouvidos, e é então ao presidente da Republica que a corporação militar proficional resolve ir directamente, na manhã de 20.

Mas os primeiros oficiais que sairam, os dum regimento de cavalaria, são presos. Altas personalidades governistas percorrem os quarteis, garantindo que se trata duma tentativa de restauração por parte dos oficiais monárquicos. O mesmo dizem as notas oficiosas, que falam até da entrada de conspiradores realistas pela fronteira do Norte. Na província, os agentes do govêrno espalham idêntica versão, chegando um jornal afonsista de Coimbra a fantasiar encarniçados e demorados combates entre os rebeldes e as forças fiéis! Os jornais que começam a desmentir a versão oficial são suprimidos.

E como os oficiais, por êsse país fora, principiam a solidarizar-se com os seus camaradas, é proibido á imprensa publicar as suas declarações.

A princípio enganados pelas afirmações do govêrno, os oficiais mandam protestos de fidelidade ao regime; mas, logo informados pelos colegas de que se trata dum movimento de classe, quase todos se apressam a entregar a espada, a considerar-se presos como os seus camaradas lisboetas! É a greve geral da profissão, perfeitamente caracterizada: abstenção do trabalho, motivos corporativos, lista de reivindicações — reintegração dos oficiais nos seus anteriores lugares, demissão do gerente, o ministro da guerra, desmentido solene da acusação de monarquismo e não menos solene retirada da portaria de louvor à *formiga branca* pelo esmagamento da pretensa conspiração realista.

Uma greve geral de militares proficionais!

Entretanto o govêrno, já demissionário, procura salvar-se, Na madrugada de 25, dois ministros vão ao palácio presidencial tentar arrancar um decreto de suspensão de garantias, pois iam dar-se graves acontecimentos. Ou isso, ou a sua imediata substituição — não podendo êles responsabilizar-se pela manutenção da ordem. O presidente escolheu a segunda ponta do dilema: foi no mesmo instante nomeado *ministério* um só homem, o general Pimenta de Castro, já incubido de constituir gabinete.

E voltou-se o feitiço contra o feiticeiro. A ordem ia, com efeito, ser pertubada, mas pela *formiga branca*, sob o comando do governador civil afonsista de Lisboa, e foi contra ella que os quartéis tinham estado e ficaram de prevenção, recusando cumprir ordens dos ministros demissionários, e é ela que, em bom número, contempla agora os acontecimentos através das grades das prisões!

Quantas lições a tirar de tudo isto!

A acusação de cumplicidade com os realistas foi em tempos vilmente jogada aos operarios sindicalistas — e então os políticos não protestaram. Achavam bem que os trabalhadores fôssem vencidos com armas desliais e infames, que hoje se voltaram contra os compadres de ontem.

Depois outro objecto de irónica reflexão é o uso da greve, arma tam vituperada quando a manejam as mãos calosas dos obreiros.

Mas entre tôdas a lição mais severa e instrutiva foi o trambolhão do partido afonsista.

Muitas vezes lhe foi feita a fácil profecia: os partidos ou regimes que se notabilizam na perseguição ao operariado ou ao seu fermento activo e inteligente acabam em breve por se ver abandonados de tôdas as outras classes, mais interesseiras, menos ardentes e menos idealistas do que o povo das fábricas e dos campos.

O partido afonsista especializou-se no arreganho com que desafiou os sindicalistas e arremeteu contra o proletariado organizado.

Em 26 de janeiro de 1914 era derribado sobretudo pelos esforços operários; em 25 de janeiro de 1915, lançava-o por terra a classe militar proficional. E vai-se sob as vaias, o desprêzo ou a indiferença da grande maioria da opinião actuante de Lisboa e do país.

Severa lição — que aproveitará pouco aos governantes: e tanto pior para êles!

Neno Vasco

Pilherias clericais

Henrique Lavedan, membro da Academia franceza, nada menos, escreveu e deu ao publico "O Credo dum Francez," que é um modelo de graça... involuntaria. Ora vejam:

Creio na coragem dos nossos soldados, na sciencia e dedicação dos nossos chefes.

Creio na força do direito, na cruzada dos civilizados, na França eterna, imperecivel e necessaria.

Creio no premio da dôr e no merito da esperança.

Creio na confiança, no recolhimento, no bom trabalho cotidiano, na ordem, na caridade militante.

Creio no sangue da ferida e na agua benta da pia, no fogo da artilharia e na chama do cirio, na conta do rosario.

Lavedan, que não é soldado, crê no sangue da ferida e no fogo da artilharia por ouvir dizer: os soldados que estão nas trincheiras, esses é que acreditam a valer naqueles pontos de fé...

E tambem poderão acreditar na agua benta para se lavar as feridas, convenientemente purificada com uma boa dose de desinfectante. A chama do sirio tambem poderá desempenhar excelente papel antiseptico.

O credo diz mais adiante:

Eu creio nos votos sagrados dos velhos e na omnipotente ignorancia das crianças.

Creio na prece das mulheres, na heroica insonia da esposa, na calma piedosa das mães, na pureza da nossa causa, na gloria imaculada das nossas bandeiras.

Creio no nosso grande passado, no nosso grande presente, no nosso futuro ainda maior.

Creio nos vivos da patria e creio nos seus mortos.

Vê-se que não é nada sceptico. Decerto tambem crê no feijão, nas batatas, nas cebolas sãs e podres, cruas e cozidas, nos alhos e nos bugalhos, bem como nos bifes de grelha.

Mas ha mais:

Creio nas mãos armadas de ferro e creio nas mãos juntas.

Nisso são seus correligionarios os salteadores da Calabria e das outras partes: juntam as mãos diante das "Virgens" para que as mesmas mãos armadas de ferro sejam bem sucedidas nas suas empresas.

E por fim:

Creio em nós. Creio em Deus Eu creio, eu creio.

Crê no diabo a quatro, o diacho do homem!

UM INTERESSANTE CONCURSO

Hereticos versejadores: a postos!

Por iniciativa do nosso bom correligionario Aristoteles Feliciano de Andrade Silva, residente em Alagoinhas, no estado da Bahia, damos hoje inicio a um novo concurso que, por certo, vai alcançar o mesmo sucesso do anterior.

Desta vez, porêm, vão ficar a chuchar no dedo... de Santa Pulqueria todos aqueles que não souberem enfileirar algumas linhas contadas pelos dedos.

Sim, senhores, somente os versejadores enxofrados é que, desta feita, vão poder saltar para a arena da disputa diabolica.

Submetemos a concurso o mote seguinte, da lavra do nosso já mencionado companheiro:

Porque será que os mandões
Do fisco não teem o gosto
De cobrar do padre imposto
De industria e profissão?

Ao melhor glosador será dada uma boa obra anticlerical.

As respostas serão recebidas até o dia 30 de abril, quando será encerrado o concurso.

A postos, portanto, senhores rimadores hereticos!

DE PARIS

As sopas populares

Quando em todos os campanários de França tocaram os sinos a rebate, anunciando a mobilização, paralizou-se a vida do paiz, imobilizaram-se as máquinas, as mãos soltaram a ferramenta, cerraram-se as oficinas.

Foi a tempestade das dores e das revoltas, os cantos entusiásticos e os soluços mesclados com os estrondo dos comboios, pulando ao longo dos trilhos. A' medida que se esvaziavam cidades e campos, mordia uma angústia as estranhas da multidão. Se a invasão provocava a cólera e se partiam alegremente os que deviam repeli-la, os outros, sem trabalho, sem dinheiro, entreolhavam-se com ansiedade, e a mesma pergunta acudia a todos os lábios: «Comeremos amanhã?» Os mais optimistas abanavam a cabeça e diziam consigo: «Que atroz miséria vai pesar êste inverno sôbre a população laboriosa!»

Vieram os dias frios e mesmo os mais pessimistas são obrigados a reconhecer que a vaga de penúria anunciada está longe de ser tam terrível como se previra. Sob o ponto de vista simplesmente material, é incontestável que a população operária não sofre em demasia com o período que atravessamos. Não faltam certamente miseráveis, mendigos, náufragos. Já em tempo de paz existiam e os maus dias lançavam-nos á rua tam lamentáveis como hoje. Não tenhamos em conta esta minoria excepcional, mas sim a grande massa popular.

Há cinco meses que a Europa está em guerra, há cinco meses que se calou o ritmo das máquinas. Entretanto vive-se e, se há por tôda a França a imensa angústia das ternuras feridas, não há a hedionda miséria dos ventres vazios. De repente, sob o impulso dos acontecimentos, em plena tragedia, resolveu-se o problema do pão cotidiano. Come-se em Paris, come se nos grandes centros, come-se por tôda a parte.

Durante as crises passadas, remediavam-se as necessidades urgentes da multidão com a «caridade», a doce e divina caridade, geradora de tôdas as humilhações e de tôdas as amarguras. Desta vez, logo de começo, foi pôsto de lado o princípio de caridade. Distribuiram-se subsídios. Já não se tratava de um favor, duma «assistência», mas dum direito. Não se dava segundo caprichos; não se recebia tremendo. Ficou desde então legalmente estabelecido que a sociedade tem o dever de assumir o sustento de quem se veja privado do seu trabalho ou do seu amparo. Era bem pouco ainda, mas era um ponto fixado. A medida fica como sinal dos tempos, indicando que abre caminho uma ideia nova.

Entretanto, a despeito dos subsídios, mantinha-se intacto o problema. Era bem certo que, com 25 soldos por dia, ninguêm poderia viver. A grande maioria não possuía outra coisa. Que havia de ser da gente? Era preciso recomeçar a prova tantas vezes repetida no decurso dos séculos? A prova de que sempre saímos apoucados? A Bíblia conta como Esaú, cansado e faminto, vendeu a seu irmão Jacó, o «suplantador», o seu direito de primogenitura por um prato de lentilhas. Quantas vezes o povo cansado e faminto não vendeu ao rico «caritativo» a sua dignidade por um bocado de pão! Tinha a gente outra vez de se resolver a isso, de se fazer humilde e pequeno, de mendigar, aceitar os restos e dizer obrigado? Ia o mal da caridade juntar-se ao mal da guerra?

Não, não o podia tolerar o espírito moderno. Aliança perante a invasão, aliança perante a fome. A ideia de solieda-riedade impôs-se, dissipou a opressão, espulsou a angústia. Iam juntar-se todos, e dando cada um o seu pouco haveria pão. Criaram-se então com o concurso do Camité Nacional as Sopas Populares. Iam comer em Paris milhares de bocas. Esta obra espontânea, que nasceu na hora de tôdas as deslocações e tomou um desenvolvimento imenso é uma grande indicação para o futuro. A solidariedade, cuidadosamente mantida nas organizações operárias, aumentou, vendo-se que, onde sossobrava a individualidade, ficava de pé a colectividade. E' uma conquista pacífica da guerra.

As Sopas Populares nasceram espontâneamente nos quatro cantos de Paris e dos arredores. Um belo dia, instalaram se cozinhas em salas de conferências, cooperativas, armazêns e foi a União dos Sindicatos do Sena que, no espaço de três dias, graças ás suas Comissões intersindicais, pôde fazer servir em doze dos seus locais cêrca de sete mil refeições por dia. Todo o sistema, que hoje funciona admirávelmente, nasceu pois da organização operária.

Faltava o espaço, era precário o material, rude a tarefa, inúmeras as dificuldades. Era um prodígio alimentar milhares de bocas com uma despesa mínima. Ninguêm desanimou. Após os primeiros tenteamentos, conseguiu-se equilibrar o orçamento. Evitaram-se os escolhos, cobrou-se o cabo tormentoso, o experimento triunfou. Podia-se caminhar para a frente.

A notícia correu pelos bairros, a vizinha arrastou a vizinha, e em breve, á hora das refeições, se comprimia a multidão ás portas das Sopas Populares. Sem reclamo, só pela fôrça da sua utilidade, tomou a obra dimensões gigantescas. Enquanto afluia a clientela, aperfeiçoava-se a organização interna. Vinham panelas novas para cima dos fogões. Caprichava-se em tornar os locais mais apropriados. Lavou-se, lajeou-se, pregou-se. Uma actividade febril pôs em movimento martelos, serras, picaretas, e quando chegaram as primeiras chuvas estava tudo pronto. Cada Sopa possuía a sua despensa, a sua cozinha, ao abrigo dos ventos e das bátegas, o seu refeitório, o seu alpendre para o calvão, a sua sala de espera.

E hoje, graças á cooperação de todos, chega-se a alimentar mais de cem mil pessoas por dia, com a módica quantia de trinta cêntimos por cada refeição: vinte dados pelo cliente e dez pagos pela Comissão Nacional de Socorro. Em lugar de dispersos sem proveito, são os fundos recolhidos pela Comissão inteligentemente distribuidos por instituições úteis. Pessoais ou colectivos, os donativos recebidos pela grande caixa de solidariedade são empregados — com uma fiscalização severa — para o maior bem de todos. Desta maneira são afastadas as iniciativas inábeis, vaidosas ou interessadas. Por isso é que, graças á Comissão de socorro nacional, puderam viver e desenvolver-se empresas altamente humanas, como as Sopas populares ou a colónia infantil de Etretat.

Paris, 18 de Janeiro de 1915.

Marcela CAPY.

Notas simples

A miseravel e atrevida policia paulista não socega um pouco no seu afá de cometer as mais torpes e infames arbitrariedades. A imprensa diaria, sua dedicada auxiliar, de quando em vez, muito laconicamente, fornece, a proposito, a todos nós, simples ledores, alguma insignificante noticia de meia duzia de linhas que só devido á santa graça do Padre Eterno é que se pode descobrir onde vem publicada. E' sempre composta em tipo miudinho para que aos leitores de titulos e aos apressados passe desapercebida mais uma das muitas violencia praticadas pelos *mantedores* da ordem e da segurança publica. Ela tem todo o interesse em fazer o mais completo silencio em torno de qualquer caso que venha abalar o prestigio da autoridade, indispensavel ao maquinismo governamental e aos seus proveitos pessoais.

De outra forma não se compreende a sua velhaca e... lucrativa conduta. Se algumas vezes dão certas noticias é porque circunstancias superiores a isso a obriga e não com o intuito de divulgar aquilo que preferiria deixar de publicar.

Tudo isto vem a preposito do seguinte:

«No dia 3 chegaram a esta cidade 32 mulheres, vagabundas caidas nas redes da policia da Capital.

Desta cidade, excoltado sempre pela policia, o curioso contigente de negras alegres, espansivas, debochadas provocadoras, seguiu pela Noroeste, em demanda ás inhospitas paragens, situadas nas margens dos rios Tiete e Paraná, em Itapura.

Actualmente que com mais força impera a maleita naqueles lugares, pode-se fazer uma ideia de qual será o *fim daquelas desgraçadas*». — De *O Baurú* de 7-2-915.

Você, caro leitor, que tem boa memoria, diga-me: leu alguma coisa a respeito das *vagabundas* na nossa imprensa cotidiana? Não? Faça um pequeno esforço que eu espero um momento, talvez esteja esquecido devido aos efeitos da crise... Então, garante-me não ter lido? Eu tambem lhe afirmo que nada li.

Quantas outras infamias não tem cometido a policia que nós ignoramos, mas que os jornais mercenarios conhecem e mantêm sobre elas um silencio criminoso, por assim lhes convir. Factos como este, que se deem na Russia não é de extranhar; lá sabemos que o seu governo é autocrata; mas aqui, na democracia *do governo do povo e para o povo*, que possue a constituição *mais liberal do mundo*... e onde canta o sabiá no cacho da bananeira... pode-se dizer que o governo é uma boa pepineira...

Joly.

Coleções completas da 'Lanterna,'

Apresenta-se agora uma excelente e unica ocasião para os amigos da Lanterna adquirirem a coleção completa dos seus cinco anos de publicação, pois resolvemos vender as que ainda nos restam.

Dispomos apenas de sete, que serão vendidas a 60$, os cinco anos da presente fase, encadernadas em capa cartonada.

Só serão satisfeitos os pedidos que vierem acompanhados das respectivas importancias.

Aos nossos assinantes

Da Mogiana

comunicamos que, dentro de poucos dias, serão visitados pelo nosso companheiro viajante.

Serão percorridas em primeiro lugar as localidades seguintes da linha Mogiana, depois de ter estado em Campinas e Arraial dos Souzas:

Amparo, Serra Negra, Socorro, Mogi-Mirim, Itapira, Espirito Santo do Pinhal, S. João da Boa Vista, Poços de Caldas, Casa Branca, etc.

Igual participação fazemos aos nossos amigos residentes nas localidades servidas pelas linhas

Central e Rede Sul-Mineira

que serão percorridas pelo nosso companheiro Antonio Abranches da Rocha.

O itinerario a que abedecerá o nosso companheiro terá inicio pelas seguintes localidades:

Mogi das Cruzes, Guararema, Jacarehi, Caçapava, Taubaté, Pindamonhangaba, Guaratinguetá, Cachoeira, Cruzeiro, Passa Quatro, Caxambú, Varginha, Barra do Pirahi, Parahiba do Sul, Entre Rios, entrando depois no Estado de Minas.

Que os nossos amigos e assinantes das zonas citadas facilitem o trabalho penoso dos nossos companheiros, contribuindo prontamente com a importancia de suas assinaturas — é o apelo que a todos dirigimos.

A luta milenar entre Deus e os homens

«A teologia — disse Proudhon — é a sciencia do infinitamente absurdo.» (1) Com efeito, a teologia (sciencia de Deus) ensina:

«Que Deus é infinito em todas as suas perfeições, a saber:
Onipotente;
Soberanamente livre;
Infinitamente sabio;
Sumamente bom;
Eterno e imutavel;
Imaterial, inextenso e sem forma. Deus não se manifesta a nenhum sentido do homem (León Diniz): é invisivel, impalpavel, sem côr, sem peso, sem medida, imponderavel; numa palavra, «é um ente desprovido de realidade concreta.» (H. Salgado).

Em matematica, Deus pode ser representado por esta formula: — o × o = ! Nem o quimico nem o fisico conhecem os seus componentes ou natureza!

Ora, a teologia prova a inexistencia de Deus.

Assim, diz, por exemplo, que Deus é soberanamente livre, corolario necessario da sua onipotencia. Mas como o homem tambem é soberanamente livre, segue-se que a liberdade de Deus está limitada pela do homem, e um Deus que tem um rival num de seus atributos não póde ser Deus.

Deus é imutavel. Mas tendo, num momento dado, criado o mundo, significa que ele mudou, e um Deus que muda de pensar não póde ser Deus.

Deus é onipotente — diz a teologia — isto é, infinitamente poderoso, que póde tudo. Mas ha muitas coisas que Deus não póde. Assim, Deus não póde fazer com que uma coisa seja e não seja ao mesmo tempo; não póde suprimir-se a si proprio, o que aliás seria uma felicidade para a humanidade; não póde suprimir a dor, produzida por uma cacetada; não póde fazer com que 2 e 2 tornem 5; não póde evitar a queda de um corpo; não póde, enfim, suprimir o tempo nem o espaço.

Nenhuma dessas coisas Deus póde fazer; e desde que um ente todo-poderoso não póde fazer uma só dessas coisas, não é onipotente nem póde ser Deus.

Deus criou o homem obediente, nú e burro, e ele desobedeceu-lhe, vestiu-se e civilizou-se a si mesmo; ameaçou-o com a morte, mas ele tornou-se imortal pela sua sciencia; expulsou-o do Paraizo, mas ele creou outros paraizos mais belos que o paraizo de Deus; confundiu-lhe a lingua, e ele as estudou todas afim de compreender e fazer-se compreender de todos; condenou-o á inclemencia do tempo, e ele arquitectou palacios e cidades afim de se abrigar contra o mesmo; mandou-lhe pestes e toda classe de molestias para o aniquilar, e ele inventou a medicina; enviou-lhe raios para o fulminar, e ele, com a varinha heretica de Franklin, «chamou Deus á moderação»; Deus separou o homem do homem por meio de continentes, mares e distancias, mas, ele, para provar a Deus que nenhum desses obstaculos nada valiam, imaginou a estrada de ferro, o barco a vapor, o telefone, o telegrafo electrico e ultimamente o telegrafo sem fios, que suprimem as distancias e obstaculos; tambem condenou Deus ao homem a que ganhasse o pão com o suor do seu rosto, mas ele inventou maquinas para lavrar a terra e ceifar o trigo; condenou-o igualmente a dôr, e ele forjou o cloroformio, que suprime a mesma dôr; enfim, não lhe dando azas, Deus quiz significar ao homem que sempre estaria condenado a contempla-lo desde a terra, mas o homem, estando ainda em desacordo neste ponto com Deus, inventou os dirigiveis, e eis o homem cortando rapidamente o espaço contra o mandato expresso de Deus!

Tudo isso prova a impotencia de Deus contra o homem. Tudo quanto de grandioso e util ha na terra, foi feito pelo homem e não por Deus nem para Deus, mas contra Deus. Com efeito, a grandeza do universo, concepção do homem, prova contra a existencia de Deus; a quimica e a fisica, sciencias do homem, não conhecem Deus; a astronomia, nada diz de Deus; a matematica prova a absurda trindade de Deus; a historia natural não precisa de Deus; e a historia da humanidade explica-se sem a intervenção de Deus.

Disse Voltaire, que se Deus não existisse seria preciso inventa-lo, ao que, cem anos depois, respondeu um outro Voltaire que se chamava Bakounine: «se Deus existisse seria preciso destrui-lo.»

Lalande dizia que «tenho esquadrinhado o céu e em parte alguma vi sinais de Deus; e Laplace declarou que não tinha tido necessidade da hipotese «Deus» para explicar a mecanica celeste.

Deus, entre os judeus, foi um ente monstro, vingativo e arreliento; entre os primitivos cristãos, um Deus de bondade e misericordia; na idade-media, Deus recaíu, com os homens, na barbaria; actualmente, é um Deus anarquista, segundo a opinião do *genial* professor Angelo Torterolli, do Rio de Janeiro.

Póde dizer-se que o homem, depois de, por meio da igreja, ter recebido tantas ofensas e males de Deus, ainda civilizou ao proprio Deus.

De facto, a igreja, pedindo perdão á Historia dos seus crimes passados, é o mesmo que Deus implorando a misericordia dos homens para o seu medievo selvagismo.

Niteroi.

José Martins.

(1) *¿ Que es la Propiedad ?*

A 'LANTERNA' NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

Café Criterium, largo do Rocio, 32.

Rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy, engraxate.

Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate.

Rua Gonçalves Dias, 78, agencia do sr. Braz Lauria.

Avenida Passos, 122, engraxate.

Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro.

Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno.

Rua Uruguayana, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate.

Rua Marechal Floriano Peixoto, 60, engraxate.

Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.

Largo da Carioca, 20, com o sr. Paschoal Trota.

Rua Marechal Floriano, 226, engraxate.

O CARNAVAL E OS MISTERIOS EGIPCIOS

O sr. Moret, sabio conservador do museu Guimet, inicia-nos nos *Misterios egipcios*. Quantos poblemas misteriosos não são oferecidos ás nossas investigações por essa religião complicada e longiqua!

O sr. Moret, dá-nos de bem aprazivel maneira a solução ou explicação deles: procede por meio de comparação com as crenças e costumes dos outros povos. Assim as festas do Carnaval, cuja tradição se perpetua em toda a historia conhecida e em todos os povos, acham-se igualmente no antigo Exipto, nos ritos da festa *Sed*, em que o Faraó sofre uma morte ficticia, seguida dum renascimento simulado que lhe dá uma vitalidade nova; ha, como hoje, uma desforra burlesca do povo provisoriamente emancipado, scenas truanescas, cortejos estravagantes, bonecos vestidos de rei, contorções, danças folionas, gritos de embriaguez. Isso lembra perfeitamente as festas Sacaea de Babilonia, Krodia de Atenas, Sartunais de Roma, mascaradas da idade média, dos doidos e do burro, da quaresma e do carnaval.

Na Moravia, passeia se um urso, a Tarasca em Tarascon, o boneco Carnaval em Niza... e noutras partes. As mais das vezes, são esses manequins sumariamente executados para marcar o fim das diversões; em muitas cidades são julgados no meio de ceremonias histrionicas, que tomam por vezes o desenvolvimento de verdadeiros dramas, pondo em acção a morte do heroi. Qual é o sentido desses ritos milenarios?

"Expulsar a morte, eliminar os demonios e os maus instintos, fazer renascer em si, na sociedade e na natureza, forças renovadas e salutares, tal era o fim de certas festas antigas que igualmente encontramos no Egipto e alhures; tal é ainda o sentido esquecido das festas do Carnaval".

Não nos desagrada saber que essas alegres tradições remontam a tão longinquo passado como as Piramides, que, segundo Bonaparte, teem quarenta seculos, mas que na realidade são muito mais velhas ainda.



A sanha clerical no Estado de Alagoas

O padre de União levantou os seus fanatizados contra os adversarios da sua bodega — mas encontrou um dos nossos pela frente

PAU NELE!

Estão mesmo se tornando atrevidos esses crapulissimos tipos que o Vaticano aqui tem como activos agentes de sua lucrativa industria.

Onde se evidencia bem a sua atitude petulante e provocadora é nas pequenas cidades do interior. Aí a sua vontade soberana não pode encontrar a minima oposição — sob pena de cair sobre os temerarios que se atreverem enfrenta-los todas as temidas consequencias do seu odio implacavel.

Quando surge alguem que se disponha a pôr em execução uma iniciativa qualquer com o fim de propagar ou praticar um ideal ou uma crença que vá de encontro aos interesses da sagrada bodega, é que a sua acção deleteria se faz sentir em toda a inteiresa de sua infamia.

E' o que se está passando na cidade de União, Estado de Alagoas, onde o chacal da batina que lá se acoita está praticando toda a sorte de brutalidades contra as pessoas que não vão á sua missa.

Aos nossos leitores já tivemos ocasião de, em uma correspondencia de um companheiro de Maceió, contar pruesas desse tonsurado de pessima catadura. Hoje vamos registar mais um seu feito santamente glorioso que nos é relatado na missiva a seguir inserida:

«Maceió, 1.º de Fevereiro de 1915.

Já tive ocasião de relatar á *Lanterna*, por meio do camarada Arsenio Lanuza, um facto de que foi teatro a pacata cidade de União, agora sobresaltada por um padre que dá pelo nome Otavio Cunha.

Já ha tres mezes ameaçava o sr. Olimpio. Agora não só o ameaçou como foi tentar mata-lo, acompanhado de um grupo matutos.

Após a missa e depois de um sermão em que insitou o pobre povo inconsciente para uma revolução, como se esperava, o *ministro de Deus* chefiou o bando armado de «buranhêns...»

Ululavam pela rua como chacais esfomiados! A' morte! era o grito que levantava o nojento padre!

Mas, felizmente, nada póde realizar; os seus desejos não foram satisfeitos; á porta do culto dos evangelistas, guardada pela policia, estavam pessoas gradas, entre as quais o nosso amigo dr. Mario Wanderley. — JACOB.»

E que faz o povo de União que não escorraça esse grandessissimo canalha de batina, pondo-o fora da cidade, depois de uma boa tunda com o devido acompanhamento de latas velhas?

De outra forma não se verão livre de semelhante peste, que de dia para dia irá dando mais expansão á sua petulancia de padre assafardanado.

O DEUS DOS EXERCITOS

Para o Kaiser, o Deus dos exercitos é Deus Padre, o seu bom pai Deus, o seu camarada, o seu chefe de estado-maior, o seu conselheiro.

Esse bom velho é verdadeiramente idoso demais para entrar em campanha, pois já o achamos na religião indua, a qual, como é sabido, se perde na noite dos tempos, sob o nome de Zu Pitri; e na religião grega, sob o de Zeus Páter; e na religião dos romanos, sob o de Jupiter, significando esses tres nomes Deus Padre.

Um belo dia, os romanos descobriram que os deuses, que os seus padres, mentirosos e gatunos, faziam adorar havia mil anos em templos maravilhosos, nunca tinham existido. Suprimiu-se então toda a cambada celeste, inclusivé aquele pobre diabo do Jupiter; mas os cristãos apressaram-se a ressuscital-o com o seu velho nome de Deus Padre.

E' na verdade um Deus que tem a vida dura e ao qual se acomodaram todas as religiões.

E' velho demais para poder alistar-se como voluntario alemão. Não contes com ele, ó Guilherme, para manobrar o teu pesado 420.

E depois, ao ver o modo como ele favorece os russos scismaticos, os franceses voltaireanos, os ingleses hereticos, fica a gente na duvida se, na velhice, ele não se terá feito livre pensador!

N. Simon.

FRANCISCANAS

Pago com a mesma moeda

— Abra-me a porta, dizia,
Ao porteiro, frei Tomaz,
Abra-me que a noite é fria
E não quero ir para trás.

— Não, não abro, respondeu
O porteiro do Covento,
Não, meia-noite já deu...
Não abro, durma ao vento.

— Mas se fizeres questão,
Com presteza abril-a-ei,
Com uma *chavinha*, frei...

E o frade, sob o portão,
Passou bonita moedinha.
— A derradeira que tinha.

**

Depois de entrar no Convento
Diz frei Tomaz, muito esperto,
Que seu bastão ao relento
Esquecera ali por perto.

O porteiro, muito alegre,
Com sua libra esterlina,
Ligeiro como uma lebre,
Vai ver se o encontra na esquina.

Procura por toda parte
E nada. Vê, porém tarde,
Que é fita do nosso frade.

E frei Tomaz, com toda arte,
Fecha-se por dentro e diz:
Passa-me a chave, petiz...

S. Carlos, 8-2-915.

Alfredo de Sousa.

Pequenos écos

Communicações associativas — A Liga Mineira de Sport Atletic s' de Belo Horizonte, Minas, que reune os clubs sportivos daquela cidade, participou nos a eleição da sua directoria, realizada em 28 de janeiro proximo passado.

— Igual participação nos fez a União Operaria de Montenegro, da cidade do mesmo nome, no R. G. do Sul.

Declarando-nos gratos pelas communicações, almejamos aos mencionados gremios farta messe de prosperidades com as quais, reunindo uma o util ao agradavel, e outra pautando a sua acção pelo sindicalismo revolucionario, muito poderá gaohar a causa popular.

Ginasio de Jaboticabal — Subscrita pelo seu director, sr. Luiz A. Amorim, recebemos uma circular que nos participa haver esta instituição de ensino, já em seu segundo ano de existencia, reaberto as suas aulas

Agradecemos a atenção acalentando o desejo de que o Ginasio de Jaboticabal não se encerre nos ronceiros metodos, fazendo com que os seus cursos recebam o bemfazejo influxo da orientação racionalista

Casamento — O nosso amigo Teofilo de Oliveira Neto, residente em Belo Horizonte, Minas, participa-nos o seu enlace matrimonial com a sra d. Raimunda de Almeida.

Felicidades mil numa vida prolongada e livre das deleterias influencias dos preconceitos religiosos — são os votos que fazemos

Boas festas — Temos ainda sobre a mesa os cartões de boas-festas do nosso bom companheiro de Capim Branco de Paracatú, Paulo Romero, e da Biblioteca do Club dos Democratas, de Sobral, Ceará, que desejam muitas prosperidades ao nosso jornal no decorrer do escabroso ano em começo

Gratos e oxalá que esses desejos se transformem em realidade para beneficio da obra que a *Lanterna* defende.

LIGA ANTICLERICAL DO RIO DE JANEIRO

Em assembléa geral realizada no dia 11 de Fevereiro teve logar a eleição da directoria e da Comissão de propaganda, as quaes ficaram assim constituidas: directoria — Carlos A. de Lacerda, 1.º secretario, reeleito; Manoel Esteves, 2.º secretario; Maximiano de Macedo, contador, reeleito; José Caiazzo, reeleito; Manoel Fernandes, Almicare Boni e Estevam Boni, estes dous ultimos reeleitos tambem.

Comissão de propaganda — Augusto Müller, dr. Vianna de Carvalho, Pedro Baptista Matera, Elpidio Nunes e Luiz Gambetta.

Antes de proceder-se á eleição, os camaradas 1.º secretario e contador fizeram ver que desejavam não continuar nos respectivos cargos, não porque isto lhes fosse muito pesado, mas por julgarem conveniente o revesamento desses cargos entre os companheiros, para bem mesmo da Liga.

A assembléa, por umanimidade, manifestou-se no sentido da permanencia nos seus postos dos dous camaradas.

O camarada Almicare Boni alegou motivos de ordem particular para resignar o lugar de 2.º secretario, o mesmo fazendo Manoel Herculano dos Santos do cargo de membro da directoria.

—

No dia 21, 4.º anniversario da fundação da Liga, realizou-se uma sessão, á noite, na séde social, a qual não teve a concurrencia dos anteriores devido ás condições anormaes e mesmo angustiosas que atravessamos.

—

No dia 24 de Março haverá uma assembléa geral, conforme dispõe os estatutos, ás 8 horas da noite.

Os srs. associados não devem deixar de comparecer, porque ha assumptos urgentes e da maior importancia a tratar actualmente.

O «comité» da Escola Popular é convidado com urgencia a assistir a esta sessão, o que devem tambem fazer todos aquelles que contribuiram com quantias para a fundação da escola.

Em Ipanema (Sorocaba)

Como se patenteia o pouco caso dos grandes pela vida dos humildes

Foi sempre assim e assim continuará a ser enquanto subsistir a presente e defeituosa organização social que coloca uma parte dos homens em condição de subalternidade economica a uma outra parte, aliás em minoria.

A mesma flagrante injustiça se patenteia em todos os meios onde haja homens sujeitos á feitoria doutrem, embora estejam eles, muitas vezes, ao serviço da tirania social.

E' o caso de que trata a presente missiva que nos veiu de Ipanema, pequena vila das visinhanças de Sorocaba:

"Sr. Edgard Leuenroth:

Tem por fim esta pedir-vos dar á mesma publicidade em vossa folha, que tanto bem vem prestando, ha longos anos, á humanidade sofredora, combatendo os males que lhe impõem os poderosos.

Sabe v. que Ipanema é actualmente uma praça de guerra e onde residem umas mil praças, mais ou menos, com suas respectivas familias; sabe tambem que aqui existe um grande tanque, o qual serv a para tocar as maquinas das oficinas, antigamente, quando funcionava a fabrica de ferro. Pois esse tanque tornou-se ultimamente um foco de molestias, sendo que já se teem dado alguns casos de febre tifo, que vai arrastando á morte os atingidos por essa terrivel molestia.

Como está claro, a unica medida a tomar será a retirada imediata destas forças aquarteladas neste lugar, porque do contrario é o mesmo que condena-las á morte. Por esta razão peço-vos mais uma vez trabalhar em prol dos que se humilham pelo pão de seus filhos e de sua familia.

Um seu amigo e leitor constante da Lanterna."

Aí fica a queixa. Ouvi-la-ão os senhores das culminancias do poder? Duvidamos. Teem eles mais que fazer para se preocuparem com a vida em perigo dos infelizes que a miseria social arrastou para a vida atrofiadora do exercito.

Não cuidem as vitimas da injustiça denunciada de se defenderem pelo seu proprio esforço e perecerão todos sem que isso cause a minima magua aos que vivem na folgança parasitaria.



Confederação Operaria Brazileira

8.ª CIRCULAR

Caros camaradas:

Não podia a C. O. B. deixar de tambem sofrer as consequencias da crise geral que vimos atravessando. O ano ha pouco findo não foi propriamente um ano de prosperidades para nós. Principalmente aqui no Rio, o movimento sindicalista viu-se a braços com uma serie de enormes dificuldades devidas não só á crise economica, como em grande parte ao desenrolar de acontecimentos politicos.

O longo, o inaudito, o inconcebivel estado de sitio, sob cujo peso esteve esta cidade esmagada durante oito meses, sobremaneira contribuiu para que a obra da C. O. B. arrostasse impecilhos de toda a ordem, que lhe impediam o livre desenvolvimento e a livre acção. Entregue, toda a vida da cidade, ao arbitrio sempre abusivo e despotico dos senhores do poder, a acção dos que constituem a comissão confederal teve que limitar-se ás possibilidades do sinistro momento que atravessamos. Proibidas quaisquer manifestações na praça publica; vigiadas e reguladas as proprias reuniões entre paredes; suspenso um numero de *A Voz do Trabalhador* e sob censura policial os seguintes; toda essa serie de abusos e tiranias ainda mais agravou as naturais dificuldades provenientes da real e universal crise economica que nos assoberba manifestada sobretudo por uma falta de trabalho sem exemplo entre nós.

Mas o periodico agudo da tormenta passou. E sobre os seus destroços ergue-se ainda a C. O. B. salvando se pelo valor da sua propria essencia, mantendo-se pelo prestigio da sua propria significação social. Nós aqui estamos, todos, no nosso posto de resistencia e de combate, com o animo sereno e a ferrea vontade de quem tem consciencia dos deveres a cumprir.

Ha, pois, que reanimar, que revivificar a nossa obra. E agora, mais que nunca, se torna necessario intensificar e estender a acção da C. O B. Ora, a C. O. B. sois vós são os vossos sindicatos, as vossas associações. Em vós todos, portanto, está a potencia capaz de lhe dar o vigor indispensavel. E' assim que vos dirigimos esta circular, apelando para a vossa boa vontade, para o vosso dever sindical, no sentido duma colaboração metodica e energica na vida da C. O. B. Trabalhai dentro da vossa associação, agitai a vossa classe, animai o movimento nessa localidade, e deste modo é que contribuireis eficazmente para o bom andamento dos trabalhos da C. O. B. Prosperas as associações que a compõem, prospera, consequentemente, estará a C. O. B. Lembramos-vos, e aconselhamos-vos, pois:

1.º — Que nos comuniqueis periodica e regularmente todo o movimento dessa associação, dando conta dos vossos trabalhos, das vossas agitações, das vossas iniciativas;

2.º — Que o mesmo façais directamente ás associações mais proximas e de interesses mais imediatamente ligados aos vossos, assim como a todas as congeneres existentes no paiz;

3.º — Que procureis difundir o mais possivel o nosso orgam, *A Voz do Trabalhador*, angariando-lhe assinaturas, contribuições regulares e voluntarias, etc., e enviando lhe, para serem publicadas, notas, comunicações, documentos, informações, que julgardes de interesse para a obra de propaganda sindicalista;

4.º — Que providencieis, com a maior urgencia, para a regularização das contribuições das quotas devidas á C. O. B.; deveis saber que todas as despesas de secretaria e de propaganda teem como unica fonte de receita as contribuições dos sindicatos, aliás bem modicas: 20 réis por cada socio quite por mez.

Esperamos, caros camaradas, que dareis boa acolhida ao nosso apelo, congregando-vos todos, ardorosamente, na mesma obra comum de engrandecimento do movimento sindical no Brasil.

Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 1915.

O secretario interino — **João Leuenroth.**

UNIÃO GERAL DOS TRABALHADORES

BALANCETE DE NOVEMBRO E DEZEMBRO DE 1914

ENTRADAS:

Coleta feita no dia 8, por ocasião da fundação da União	13$500
Idem no dia 23	$800
Idem no dia 30	1$500
Total	15$800

SAIDAS:

Um telegrama para o Rio de protesto contra a prisão de Manuel Campos	6$100
Idem para Santos	1$300
Um carimbo	4$000
Selos	$600
Envelopes	1$000
Total	13$000

RESUMO:	ENTRADAS	15$800
	SAIDAS	13$000
	SALDO	2$800

—

ENTRADAS:

Saldo do mez de novembro	2$800
17 mensalidades de dezembro	17$000
Total	19$800

SAIDAS:

1.000 manifestos para o primeiro comicio realizado no Bom Retiro	5$000
Selos	3$000
1.000 manifestos para o comicio realizado no Cambucy	5$000
100 envelopes	1$000
1.000 manifestos para o segundo comicio realizado no Bom Retiro	5$000
3.000 listas de adesão	8$000
Total	27$000

RESUMO:	ENTRADAS	19$800
	SAIDAS	27$900
	DEFICIT	8$800

O tesoureiro, *Vicente Amodio.*

BILHETES E RECADOS

Petropolis—R. V.: Tomamos nota do que dizes no postal. Saude.

Belem do Pará—E. A. P.: Scientes do conteudo da carta e do postal. Do n. 272 foram 25 ex. para o camarada Doval. Saudações á rapaziada.

Bagé—A. O. S.: Recebemos os 29$000. O livro já foi remetido e um talão de 50 recibos anuais. Saudações e gratos pelo auxilio que presta á enxofrada *Lanterna*.

Amparo—A. A. P.: Recebemos a importancia de 20$ e já remetemos os recibos. Saudações.

Piracicaba—J. M. P. de Azevedo: Recebemos as suas duas cartas e remetemos os jornais. Tambem lhe escrevemos um postal dando-lhe os esclarecimentos que nos pediu. Saudações.

Rio—Gildo: Recebi a tua carta juntamente com a importancia. Saude!

Tres Lagoas—A. R. Dias: Fizemos a transferencia do endereço. Saudações.

Rio—N. de A.: Foram alguns numeros atrasados; poucos, pois agora não temos muito encalhe. Belo foi o gesto com o que fizeram no tal comicio. Saude!

Vila Itauna—H. D: Recebemos a sua carta com os recibos devolvidos. E' o diabo a crise que assola por aí fóra! Só subindo Satanaz do inferno é que poderá melhorar isto... Saudações.

Secção amena

Dois cardiais que examinavam, diante do seu autor, o quadro do ilustre Rafael: S. Pedro e S. Paulo, *disseram que os dois santos tinham as caras demasiadamente afogueadas.*

O grande artista, magoado com o reparo, que acham estupido, replicou ousadamente:

— Não se admirem disso vossas eminencias, pois eu pintei-os como eles se acham no céu; e o estarem assim vermelhos não provêm de outra coisa senão do pejo que sentem vendo a Igreja governada por homens como vossas eminencias.

♣ ♣ ♣

Um vigario moço, muito vaidoso da sua erudição, *falava em termos tão rebuscados que os pobres paroquianos não percebiam patavina.*

Confessando um deles, perguntou-lhe:

— E's ambicioso?

— Tamanha honra não tenho, sr. vigario.

— Tens vangloria?

— Isso não sei se tenho.

— E's incontinente?

— Não sei o que isso é.

— Não sabes nada! E's irascivel?

— Talvez, mas não sei bem.

— Mas então que és tu, afinal?

— Eu sou pedreiro, sr. vigario, e até aqui trago a minha colher.

♣ ♣ ♣

Um carola e um indiferente discutem sobre deveres religiosos. O beato afirma, como ultimo argumento, que quem vai regularmente á missa e cumpre todos os deveres do culto tem a consciencia mais tranquila e até vive mais tempo.

— Ora adeus! replica o sceptico. Aí está meu pai, que não vai á missa desde rapaz, e tem hoje 70 anos.

— E quem te diz a ti que, se ele tivesse sido bom catolico praticante, não tivesse hoje 80 ou 90 anos?

Aos nossos assinantes do Rio, onde a cobrança é muito dificil, devido ás grandes distancias de um ponto a outro da cidade, pedimos que paguem a importancia de suas assinaturas na séde da Liga Anticlerical, á rua do Areal, 38, onde todas as noites, das 19 ás 22 horas, encontrarão o nosso representante Maximiniano de Macedo.

NUCLEOS DA VANGUARDA

EM BELEM DO PARA'

Grupo Anarquista «Os Perseguidos» — Com o fim de se dedicar á propaganda do ideal anarquista, fundou-se em Belem do Pará, no dia 1º. de janeiro, um grupo de dedicados camaradas que tomou o titulo acima.

Não dispondo a nova agremiação propugnadora do alevantado ideal de redenção humana dos recursos necessarios para a aquisição de livros, folhetos, revistas e jornais, pede a todos os grupos editores que lhe remetam as suas publicações, prometendo esforçar-se por auxilia-los logo que os seus recursos isso permitam.

O seu endereço é o seguinte: Secundino Conde, Travessa Frutuoso Guimarães, 62, Belem, Pará, para onde pede que todos os grupos avançados se correspondam.

EM S. PAULO

Centro Libertario de S. Paulo — Balancete da festa realizada em 31 de dezembro de 1914 no salão «Celso Garcia»:

RECEITA:

Bilhetes pagos até 24-2-915	89$000
» vendidos na porta por Marino Sorcinelli	35$000
Prendas vendidas em leilão e quermesse	144$400
	268$400

DESPESAS:

Aluguel do salão	160$000
Musica	50$000
Atriz	30$000
Vestuario para a scena	2[illegible]$000
Impressão dos bilhetes	15$000
Bonde para uma amadora	6$000
Chops paraos musicos	8$600
	289$600

RESUMO:

Despesas	289$600
Receita	268$400
Deficit	021$200

Pelo que averiguamos nas entradas, foi que a quermesse e a venda de prendas em leilão deram a quantia supra, isto é, 144$400.

Não tendo os camaradas encarregados da mesma dado contas exactas até a data, resolvemos publicar este balancete, convencidos que dois mezes é tempo suficiente para se publicar o resultado de uma festa.

Pelo Centro Libertario, *Joaquim Santos e Silva.*

—

A comissão do Centro Libertario recomenda ás pessoas que ainda não prestaram contas dos bilhetes da festa, que o façam com a necessaria urgencia na redacção da *Lanterna*, onde encontrarão, todas as noites, das 19 ás 21, um companheiro para esse fim.

Anti-clericais!

Livre-pensadores!

ORGANIZAI OS VOSSOS GRUPOS

E' necessario fundar a Federação Brazileira do Livre-Pensamento.

PELAS PUBLICAÇÕES

La Ciudad de los Locos (AVENTURAS DE TARTARIN MOREIRA), de *Juan de Soiza Reilly*

E' uma brochura de 328 paginas, impressa em bom papel, finamente ilustrada pelo artista José Friedrich e tendo na capa uma expressiva alegoria, que vem de ser editada pela conhecida Casa Maucci, de Barcelona, e se encontra á venda nas melhores livrarias pelo preço correspondente a tres pesetas.

La Ciudad de los Locos é uma originalissima novela, cheia de transes e tipos interessantes que bem evidencia o espirito esfusiante de imaginação do popular escritor Soiza Reilly.

Completa o livro alguns contos de atraente leitura do mesmo autor.

FOLHETIM DA LANTERNA (50)

CARLOS MALATO

OS COMUNEIROS

Tradução especial para 'A Lanterna'

PRIMEIRA PARTE

O filho de Torquemada

CAPITULO XXI

Um "auto sacramental"

— Tripas do papa! são êles!

Santafierno acabava de soltar esta exclamação, seguramente descabida num misterio, ao reconhecer Tolosán e Inês. Tinha-se levantado, mas desta vez os espectadores protestaram.

— Sentai-vos! Fóra! Fóra! gritaram êles, uns para obrigar o interruptor a sentar-se de novo, outros para o pôrem na rua.

Mas isso era mais facil de dizer que de fazer. Santafierno, com um empuxão, derribou os que o rodeavam e, arrancando a espada, precipitou-se para a scena bradando com voz terrivel a Eva, estupefacta:

— Ah! filha da....! perra com cio! Torno a encontrar-te! Vou mostrar-te quem sou eu!

Já virava três bancos com os seus ocupantes, no meios dos gritos de furor dêstes e dos aplausos dos espectadores das ultimas filas, os quais supunham tratar-se dum intermedio para aumentar o interesse do espectaculo. Estava já proximo da scena: a serpente, com a prudencia habitual na sua especie agachara-se debaixo dos bancos. Tolosán, cavalheresco mas inquieto, fazia com o seu corpo um baluarte á Eva, procurando ao mesmo tempo uma alma para se defender; o Padre Eterno arrancava de desespêro a barba e o cabelo postiços. Na sala era já tudo confusão e gritos; malvados ralé que por toda a parte se encontra, apagavam as luzes e escondiam os cotos de vela nas bragas. E enervados, arrastados pelo exemplo, alguns espectadores trocavam já sopapos... Quando uma voz forte e cheia, que só podia pertencer a um chantre ou a um frade, clamou:

— Viva Deus! O nobre Santafiermo!

O cavaleiro parou de chofre ao ouvir pronunciar o seu nome: mas logo lhe voltou o sangue-frio reconhecendo num bojudo frade, de pé a poucos passos dele, a figura caracteristica de frei Paco.

— Vós aqui, meu reverendo! disse êle com um grãozinho de ironia perceptivel só para o franciscano. Ha tres dias que vos procuro em Toledo.

Aproveitava habilmente o ensejo para arranjar um alibi.

— *Pax vobiscum!* respondeu magistosamente o monge. Deixemos acabar a representação.

Mas Adão e Eva tinham já desaparecido. Dizendo consigo que o irascivel cavaleiro podia suspeitar, não sem razão, que êles lhe haviam roubado as mulas, acabavam de esgueirar por uma pequena porta escondida pelo pano de fundo pondo-se mais uma vez em fuga.

Não se contando quasi a serpente, infimo comparsa, restava apenas o Padre Eterno para emfrentar a indignação de Santafiermo e as reclamações do publico.

Em vão o Padre Eterno se rebaixou a suplicas que quadravam pouco á magestade do seu papel, em vão ofereceu, como compensação, recitar o *Peregrino em Jerusalem*, poesia de numero indefinido de pés, da qual era êle o autor.

O publico, exasperado, nada quiz ouvir; cobriu de apupos o homem-deus caido do cimo da sua gloria, e só se retirou lentamente, agitado como mar furioso, depois de ter escangalhado o palco e os bancos.

Assim findou, após efémeria existencia, o teatro "Tolosán y López".

Santafierno ficara com Paco.

Este, chegado a Toledo havia trinta e seis horas, começara por comprar um habito meio limpo para substituir o inclasificavel trapo que lhe cobria o corpo. Em seguida, depois de ter ido prestar preito ao prior do convento de S. João e de ter lavado a alma com uma confissão geral em que passou em claro os seus entendimentos com Crotella, tinha saido em cata de algum honesto divertimento.

Numa taverna mal afamada aonde iam amiude os frades prégar ás ovelhas desgarradas, soube êle da fundação recente do teatro "Tolosán y López". Estes dois nomes recordaram-lhe subitamente os seus comensais do castelo, e com curiosidade de saber o que era feito deles, dirigiu-se para a representação.

O chapeu desabado ocultara-lhe, na penumbra da sala, a cara de Santafierno. Foi só pelo gesto e pela voz que êle reconheceu o cavaleiro. Trocadas rapidamente as primeiras explicações entre os dois homens, foram estes continuar a conversa na Cruz de Oiro no quarto de Santafierno, aonde a serva levou um pichel de vinho e duas taças.

— E agora, maroto, disse o cavaleiro, mudando sensivelmente de tom, que tencionas fazer?

— Senhor, respondeu Paco, quando tiver a honra de vos encontrar e de ser levado por vós como capelão...

— Ora! capelão!... Queres dizer vaza-garrafas?

O frade fez que não ouvira e prosseguiu:

— Eu andava em missão... quer dizer, tinha recebido do meu superior uma licença de seis meses que devia ser empregada em prédicas pelas aldeias, para salvação das almas.

— Cumprias bem o encargo, não ha duvida!

— A licença vai acabar em breve, e eu terei de obter a renovação dela, ou então de voltar para o meu lugar no convento de Almonacid, entre os meus irmãos.

E Paco soltou um profundo suspiro: acostumara-se á liberdade e contristava-o muito a perspectiva de ir enterrar-se entre quatro paredes para se entregar a austeros exercicios. Mas Santafierno achava que, para sua segurança, melhor era que o frade, testemunha comprometedora, desaparecesse da circulação, ao menos por algum tempo.

UMA OBRA IMPORTANTE

Já foi anunciada na *Lanterna* a ideia da publicação da obre de H. Ch. Leu: «Historia da Inquisição na Idade Media», vertido para o portuguez pelo nosso camarada dr. José Oiticica.

Não é necessario insistir sobre o valor dessa publicação. Ela põe nas mãos dos anticlericais, dos livres-pensadores, dos estudiosos da historia, o melhor, o mais completo, o mais autorizado manual sobre o assunto. E' um repositorio admiravel de factos autenticos onde poderá qualquer pessoa aurir episodios eloquentes, aterradores, da acção social da Igreja no concernente á luta contra os herejes.

Essa obra é um elemento formidavel de campanha anticlerical e de estudo da historia.

A sua publicação constituirá um grande passo na propaganda livre pensadora do Brasil.

A obra será publicada em fasciculos de 60 paginas cada um e que será vendido a 200 réis. Isso permitirá á Liga Anticlerical distribuir uma tiragem de 10.000 exemplares. Para o primeiro fasciculo é mister obter pelo menos tres mil assinaturas.

Contamos com o auxilio dos livre-pensadores e anticlericais do Brasil.

Cada companheiro pode tomar dez assinaturas por 2$000, tendo direito ao primeiro volume de 600 paginas pronto para encadernar. E' facultado a qualquer tomar o numero de assinaturas que entender.

Os companheiros devem ter em mira que, quanto maior for o numero de assinaturas tomadas mais depressa será publicado o primeiro fasciculo.

A Liga Anticlerical aceita, desde já, os pedidos, devendo cada companheiro enviar o seu nome, endereço e o numero de fasciculos que assina.

Toda a correspondencia e pedidos de assinaturas, assim como dinheiro, devem ser endereçados ao companheiro Maximiano de Macedo, rua Sete de Setembro, 59, sobrado, Rio de Janeiro.

Escola Moderna N. 1

PARA MENINOS E MENINAS
Á RUA SALDANHA MARINHO, 66
S. PAULO (BELEMZINHO)

Instituto de educação e instrucção segundo o metodo racionalista, mantido pela Sociedade Escola Moderna de S. Paulo

Presentemente instalada em predio que reune as condições exigidas pela higiene, a Escola Moderna n. 1 acha-se funcionando com regularidade, tendo boa frequencia de alunos, cuja inscrição para a matricula é feita mediante a contribuição mensal de 3$000 para os de cartilha e de 4$000 para os mais adiantados.

Faz parte do objectivo desta escola, tambem, atrair a atenção dos pais dos alunos para a obra de educação e instrução segundo o metodo racionalista, e nesse proposito são realizadas pelo respetivo professor, todos os mezes, festas escolares, constantes de conferencias sobre assuntos educativos e sociais, hinos e recitativos escolares.

HORARIO

Aula diurna: das 11 ás quatro horas da tarde.

Aos sabados a aula termina á uma hora ou duas da tarde, logo após á volta do passeio campestre feito pelos alunos.

Aula noturna: das sete ás nove da noite, todos os dias, menos aos sabados.

PROGRAMA

O programa com que foram iniciados seus trabalhos consta de portuguez, aritmetica, geografia, historia e principios de sciencias naturais.

O seu programa, todavia, como está determinado, será ampliado de acôrdo com as necessidades futuras e com a aceitação que o ensino racionalista for merecendo da parte dos homens livres da capital e do interior do Estado.

O director,

Prof. João Penteado.

ENTRE CAMPONESES

de Errico Malatesta

Preços, livre do porte do Correio

500 exemplares	60$000
300 » »	41$000
100 » »	14$000
50 » »	7$000
Avulso	200

Não poderão ser satisfeitos os pedidos que não vierem acompanhados das respectivas importancias.

CATECISMO ATEU

Pelo correio:

100	12$000
50	6$500
25	3$500
1	$200

Na redacção:

100	10$500
50	5$500
25	3$000
1	$200

Escola Moderna N. 2

Ensino Racionalista

Scientificamos ás familias que se acha instalada no predio da rua Oriente, 166 a Escola Moderna n.º 2, criada sob os auspicios do Comité pró Escola Moderna.

***

Esta Escola servir-se-ha do metodo inductivo demonstrativo e objectivo, e basear-se-ha na esperimentação, nas afirmações scientificas e raciocinadas, para que os alunos tenham uma ideia clara do que se lhes quer ensinar.

Materias:

As materias a serem iniciadas, segundo o alcance das faculdades de cada aluno, constarão de — *leitura, caligrafia, gramatica, aritmetica, geometria, geografia, botanica, zoologia, mineralogia, fisica, quimica, fisiologia, historia, desenho, etc.*

Horario: das 12 da manhã ás 4 da tarde.

A inscrição de alunos acha-se aberta das 10 ás 12 horas da manhã e das 4 ás 6 da tarde.

"DA PORTA DA EUROPA"

FACTOS E IDEIAS

A questão religiosa
A questão politica
A questão económica

1911-1912

Collecção de crónicas do nosso colaborador Neno Vasco:

Apesar do titulo — que é o das crónicas do nosso colaborador neste jornal — apenas um têrço deste livro é que é constituido por algumas das cartas enviadas para a *Lanterna*. O resto é desconhecido para os nossos leitores.

* * *

Preço, livre de porte, 2$500.

A INQUISIÇÃO

Folheto de 32 paginas em que são relatadas as hediondas scenas que eram levadas a efeito nos antros do Santo Oficio. Folheto utilissimo á nossa propaganda.

PREÇOS:

Um exemplar	200
10 exemplares	1$500
50 »	6$000
100 »	10$000

Os pedidos devem vir acompanhados das respectivas importancias.

MENTIRAS DIVINAS

CARTAS AOS CRENTES

De Chacon Siciliani

Só com estudo e raciocinio se chega á verdade.

E' um excelente livro de propaganda anticlerical e antireligiosa, escrito em linguagem clara e em forma persuasiva, trazendo na capa uma expressiva ilustração em tricomia.

Um volume de 112 paginas, 1$700.

O Sagrado Coração de Jesus

E' um folheto de indiscutivel interesse para a propaganda anti-clerical. Nele se descrevem com perfeição as alucinações historicas daquela pobre doida que se chamou Maria Alacoque.

PREÇOS

Um exemplar	$200
10 exemplares	1$500
50 »	6$000
100 »	10$000

LIVRES-PENSADORES, LEIAM

"A VIDA"

Publicação mensal anarquista

(aparece no dia ultimo de cada mez)

Redacção e administração:

Rua Uruguayana, 114 — (sob.)

RIO DE JANEIRO

Estudos sociologicos

Questões operarias — Analise e comentarios dos factos capitais da vida social e politica do Brasil

Inqueritos para o conhecimento do problema economico e social da região brasileira

Desenvolvido noticiario do movimento operario internacional

Actualidades — Vulgarisações

Biografias — Bibliografia e critica

Numero avulso....	$200
Assinatura anual (pagam. adiant.)	5$000

LES TEMPS NOUVEAUX

4, RUE BROCA — PARIS (V)

Importante semanario communista-anarquista com suplemento literario

Um ano	8 francos
Meio ano	4 »
3 mezes	2 »

Biblioteca da "Lanterna,,

Só podemos atender os pedidos que venham acompanhados das respectivas importancias.

Alegoria com o retrato de Francisco Ferrer, a	1$000
Retratos de José Nakens, cada um a	1$500
Uma duzia de postais anticlericais	1$200

EM PORTUGUEZ

Luiz Bulfi, «Greve de Ventres»	$200
Brito Bitencourt, «Catecismo ateu»	$200
José Rizal, «Noli me taugere»	$600
Saturnino Barbosa, «Ensaio de critica racionalista»	1$000
Errico Malatesta, "Programa socialista-anarquista-revolucionario"	$100
» » « Entre camponeses »	$200
Neno Vasco, «Da Porta da Europa»	2$500
» » « Giórgicas » (ao trabalhador rural)	$100
B. Peres Galdós, «Electra» (drama anticlerical em 5 actos)	1$000
Mezza Botta, « O Papa Negro »	2$000
Carlos Dias, " Semeando para colher"	$200
Guerra Junqueiro, " A velhice do Padre Eterno"	2$000
Pedro Kropótkine, " O comunismo anarquico"	$200
Chacon Siciliani, " Mentiras Divinas" (cartas aos crentes)	1$700
Adolfo Lima, "O ensino da Historia", 1 fol. de 63 pag.	$700
» » "O Teatro na Escola"	$400
Relatorio da Confederação Operaria Brasileira sobre o 1º e 2º Congressos Operarios Brasileiros	1$200
Cantos Sociais (diversos autores)	$200
Almanaque de "A Aurora", para 1913	1$000
Almanaque de "O Livro Pensador"	$800
Marco A. Panet te, "Giordano Bruno"	$200
Pedro de Melo, «Sonho dantesco»	$200
Domingos Zapata, «As 67 celebres perguntas»	$200
I. A. Betoldi, "O Livro da Verdade"	$500
José Augusto de Castro, "Mensageiro da morte" (Poema anti-jesuitico)	$100
Ex-padre Guilherme Dias, «O que é o celibato»	$200
Natanael Pereira, "A educação religiosa»	$200
Eugéne Pelletan, «A Inquisição»	$200
Dr. N. Rouby, «O Sagrado coração de Jesus»	$200
Monsenhor Silvestre de Chateaurenard, «O celibato»	1$200
Eliseu Reclus, «Evolução, Revolução e Ideal Anarquista»	1$500

EM ESPANHOL

Francisco Gica, "Lo que entiendo por libre pensamiento"	$300
Por varios autores, "El romance anticlerical" (primeiro tomo)	$300
Pey Ordéix, «El pueblo á la aristocracia»	$300
Ramon Chies, "A una madre"	$300
Potvin, "La democracia y la Iglesia"	$300
Edmundo Gonzalez, "La libertad de enseñanza"	$300
Por varios autores, "Sonetos Piadosos"	$300

EM FRANCEZ

Jean Grave, "Si j'avais á parler aux electeurs"	$100
André Girard et M. Pierrot, "Le parlamentarisme contre l'Ation Ouvriére"	$100
Pedro Kropotkine, "Le Salariat"	$200
E. Malatesta, "Entre paysans"	$300

EM ITALIANO

Romanzo di una donna, "Angelo Longeretti"	1$500
Alceste de Ambris, "L'Argentina e l'Imgrazione Italiana"	$300
Antonio Labriola, "Del Socialismo"	$400
Gaetano Zibordi, " La historia de Federico "	$400
Um laico, " La politica eclesiastica in Italia "	$300
Giovanni de Nava, " Delinquenza e misticiomo "	$200
P. Guarino, " Sole a scacchi "	$400
Luigi Campolonghi, " Azione sindacale "	$300
G. Stiavelli, " Il Primo Maggio nella letteratura "	$400
G. D'Amato, " Ai ragazzi felice "	$200
Paul Adam, "Il figliuol prodigo "	$200
Francesco Pucci, " Il dovere de organizzarci "	$200
F. Nicolini, "Il pane gratuito"	$200
Maximo Gorki, « Interviste »	$600
» » " Il compagno "	$200
Eliseu Reclus, " I podrotti dell'industria "	$200
» » " I prodotti della terra "	$200
Leda Rafanelli, " Alle madre italiane "	$200
Paul Latarga, " Il diritto all'ozie "	$200
Dott. G. C. C., " Guerra all'alcool "	$200
G. Pozzi, " Favole ed apologhi socialista "	$200
Oreste Ristori, " Polemiche sull'Anarchia "	$300
» » " Operai non bevete! "	$100
Pietro Kropótkine, " L'agricultura »	$200
E. De Amices, " Il socialismo e l'egualianza "	$100
» » " Consigli e moniti "	$100
E. Vondervelde, " Le città Piovre "	$300
Costa Andrea, " Un sogno "	$100
» » " Il socialismo "	$100
C. Monticelli, " Il primo giorno del socialismo "	$300
» » " Lo sciopero "	$100
E. Ciacchi, " Ai contadini "	$100
» » " Le nostre leghe "	$100
Dott. Biel, " Il socialismo per tutti "	$100
O. G. Viani, " Abbecedario dell'economia sociale "	$200
G. Renard, " Agli studente "	$100
Leopoldo de Fazio, " Canzone vegetale "	$300
A. Valente, " Conferenze socialiste "	$300
G. Paoloni, " Primo Maggio "	$100
B. Carlantonio, " Le istituzione e la morele "	$100
Feari e Ciccotti, "Contro la marina militare " (discorsi)	$300
» » " Per la riduzione delle spese militari "	$300
Resoconto del 1º Congresso dei lavoratori della terra	$200
Avv. Emilio Bossi, " Gesù Cristo non è mai esistito "	2$000
Almanacco della Rivoluzione (1909)	1$000

COLEÇÃO SOCIOLOGICA

Jean Grave, "A Sociedade Moribunda e a Anarquia"	1$500
Saverio Merlino, "Formas e essencias do socialismo"	1$500
Sebastião Faure, "A dôr universal"	1$500
Henrique Leone, "O Sindicalismo"	1$500
Carlos Marx, "O capital"	1$500
Hamon, "Psicologia do militar profissional"	1$500
Alfredo Nacquet, "A caminho da união livre"	1$500
Kropotkine, "A conquista do pão"	1$500
» "A Grande Revolução" (2 volumes)	3$000
» "A moral anarquista"	$500
Carlos Malato e Jean Grave, "As teorias anarquistas", seguido de "Declaração de Guerra", peça teatral em 1 acto de Carlos Malato	$800

BIBLIOTECA DEMOCRATICA — Dirigida por Tomaz da Fonseca

I G. Andrec, "Os jesuitas", broc.	$500
I » » » enc.	1$000
II S. Morin, "A Confissão", broc.	$500
II » » » enc.	1$000

Antão de Melo, "A imbecilidade e a degenerescencia nas familias reais"	1$500
Campos Monteiro, "Paixão de Ferrer" (recitativo em verso)	1$000
Cardoso Fonseca, "Jesuitas! Suas qualidades e doutrina"	1$000
Diversos, "Amor e Liberdade" Revista de estudos sociais — Todos os numeros publicados	1$500